

O DESERTO E O ESPELHO. REFLETINDO SOBRE A HETEROTOPIA
COM MICHEL FOUCAULT E NADINE GORDIMER

Anderson Bastos Martins
UFMG

Introdução

Este trabalho se interessa em investigar um conceito desenvolvido por Michel Foucault há pouco menos de quarenta anos à luz da experiência ficcional. Trata-se de uma tentativa de expandir o pensamento foucaultiano acerca de sua noção de *espelho*, metáfora conceitual que ele criou no intuito de melhor esclarecer um outro elemento, a *heterotopia*. Essa última categoria é sempre mais comentada pelos estudiosos da obra do pensador francês.

Para forçar Michel Foucault a dizer um pouco mais sobre o espelho, será discutida a relação que uma personagem literária passa gradualmente a entreter com o deserto durante uma estadia relativamente longa num país muçulmano. A personagem em questão é a protagonista do romance *The pickup*, de autoria da celebrada escritora Nadine Gordimer.

Essa aproximação entre o pensamento filosófico de Foucault e a escrita ficcional de Gordimer não tem por intuito analisar o texto desta, via o instrumental conceitual daquele. O objetivo, na realidade, é fazer com que um texto mais antigo seja atualizado a partir de seu contato com outro, mais recente. O fato de pertencerem a categorias disciplinares distintas revela um tratamento conferido mais recentemente à literatura enquanto meio de criação e desenvolvimento de categorias epistemológicas, e não como mero veículo de representação de relações que permanecem carentes de tratamentos “mais objetivos”. Seria uma forma de atender ao apelo de Walter Mignolo quando revela sua insatisfação diante da crença de que “a literatura é ótima, mas não constitui conhecimento sério” (MIGNOLO, 2003, p. 304).

1- O espelho de Foucault

O texto de Michel Foucault intitulado “Outros espaços”, com data de 1967, mas publicado apenas em 1984, é mais bem conhecido por sua elaboração do conceito de

heterotopia. Na verdade, o autor dedica a maior parte do ensaio a esse conceito, o que justifica o interesse da parte dos críticos e estudiosos.

Aqui, no entanto, discutiremos a heterotopia segundo Foucault não como o vértice do raciocínio apresentado, mas como importante elemento para se compreender outro conceito formulado pelo pensador francês no mesmo texto: o *espelho*. Preliminarmente, portanto, convém ressaltar alguns pontos fundamentais de “Outros espaços”.

A partir de uma rápida cronologia das relações estabelecidas entre o homem e o espaço no decorrer da história, Foucault conclui que aquele momento (o da escrita de seu texto) caracterizava-se por uma ênfase maior sobre o espaço do que sobre o tempo. Apesar dos quase quarenta anos passados desde a apresentação da conferência, ainda hoje há um certo consenso referente à questão. Michel Foucault estabelece que, em tais circunstâncias, o espaço é “definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos” (FOUCAULT, 2001, p. 413). Deixando claro que lhe interessava discutir o “espaço de fora” acima de tudo, o que, talvez, possa ser lido como uma priorização do impacto do espaço sobre o homem, antes que das representações que este constrói sobre aquele, Foucault lança seus conceitos de *utopia* e de *heterotopia*. O primeiro é definido como “posicionamentos sem lugar real [que] ... mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa ... mas ... são espaços que fundamentalmente são essencialmente irrealis” (FOUCAULT, 2001, p. 414-415). Não fica muito claro o que o autor entenderia por “real” ou “irreal”, mas, como associa a utopia à “sociedade aperfeiçoada”, parece estar se referindo a uma possível existência concreta de tais espaços utópicos.

Em contraposição, vejamos como Foucault explica as *heterotopias*.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, (...) lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais (...) todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. (FOUCAULT, 2001, p. 415)

Adiante em suas postulações, o autor busca uma possível sistematização do estudo das heterotopias identificando nelas alguns princípios básicos. Não sendo aqui possível detalhar o raciocínio de Foucault, faz-se necessário, no entanto, mencionar alguns desses princípios. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de que todas as culturas possuem

heterotopias e que, mesmo no interior de determinada cultura, estas podem funcionar de maneira diferente, de acordo com o período histórico. Além disso, as heterotopias são capazes de justapor espaços incompatíveis e, muitas vezes, operam uma ruptura com o tempo tradicional. Por último, deve-se observar que as heterotopias possuem um sistema de abertura e fechamento que as torna isoladas e/ou penetráveis, além de poderem realinhar as percepções dos espaços restantes por parte daqueles que os ocupam. Tudo isso vem confirmar que o que Foucault denomina como heterotopias são lugares reais, demarcáveis – alguns exemplos dados pelo pensador são o cemitério, a caserna, o teatro, o museu e o navio – os quais, apesar de não serem capazes de suplantar uma relação com o tempo, permitem uma interação com este que é diversa daquela experimentada nos espaços não-heterotópicos, aqueles em que o cotidiano é vivido em sua vertente mais automática. As tecnologias atuais tornam complexa a tarefa de identificar esses espaços não-heterotópicos, tamanha é a variação de novas relações com o espaço e o tempo engendradas pelas experiências virtuais. Em vista disso, talvez seja útil voltar a atenção para o que afirma Foucault a respeito do *espelho*, conceito que poderá nos ajudar a pensar a heterotopia no momento atual, mais como uma experiência com o espaço do que necessariamente como *um* espaço propriamente dito.

Michel Foucault fala numa “espécie de *experiência* mista, mediana” (FOUCAULT, 2001, p. 415; grifo meu) ao se referir pela primeira vez ao espelho. Não se pode deixar de destacar a escolha do termo “*experiência*”, ao invés de “*espaço*”, para nomear algo que é situado “entre” as utopias e as heterotopias. A preposição *entre* não privilegia o espaço em sua acepção mais denotativa, sendo igualmente associada ao tempo, elemento imprescindível quando se fala em experiência. Quero propor que o termo *experiência* seja compreendido como uma relação psíquica, portanto interior e subjetiva, mas também biológica, biográfica, daí exterior e objetiva. É quase desnecessário ressaltar que o recurso ao binarismo dentro/fora se justifica como recurso que apenas nomeia, nunca aliena, circuitos que só podem se manifestar na relação de um com o outro. Seguindo com Foucault, lemos que:

O espelho... é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe,... uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, *no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo*; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me

vejo lá longe. A partir desse olhar que ... se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a *me constituir ali onde estou*; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela (*sic*) é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (FOUCAULT, 2001, p. 415; grifo meu)

O espelho, portanto, é a um só tempo irreal, utópico, um não-espaço talvez; e real, definível, espaço positivado. Naturalmente, seu motor é o olhar do sujeito, o que faz do espelho muito mais um *meio – inter –* do que um fim. O espelho não constitui puro espaço, nem tampouco puro tempo. Além disso, não é vulnerável às reformulações que ocasiona “no lugar que ocupo”. O espelho é uma passagem. O espelho permanece. Aqui, a literatura, que, em si mesma, pode ser entendida como um espelho, poderá nos auxiliar a *especular* um pouco mais sobre o que Foucault parece ter querido afirmar com sua metáfora. E o deserto, talvez, seja o terreno ideal para a continuidade do raciocínio articulado até aqui.

2- O deserto é sempre

Nadine Gordimer, conhecida ficcionista sul-africana, agraciada com o Nobel de Literatura em 1991, publicou, em 2001, seu décimo quarto romance, que saiu com o título original *The pickup*, deselegantemente traduzido para o português como *O engate* (Companhia das Letras, 2004). Em linhas gerais, o livro narra a trajetória de Julie Summers, uma promotora de eventos sul-africana, filha de um rico especulador de capitais, ao lado de Ibrahim ibn-Musa, por quem se apaixona e a quem acompanha quando este, na qualidade de “*sans-papiers*” na África do Sul, vê-se obrigado, por conta de sua condição de trabalhador ilegal, a retornar a seu país natal, não identificado no romance. A partir do momento em que o casal desembarca no país de origem de Ibrahim, cada um passa a experimentar a ação de forças antagônicas que a um – no caso, Ibrahim – repelem e ao outro – Julie – atraem. A silenciosa barreira que se ergue entre os dois torna o romance uma estrada de mão dupla em que os protagonistas, em princípio seguindo no mesmo rumo, vão, aos poucos, tomando direções opostas.

Inicialmente, o retorno de Ibrahim representava para ambos uma escala obrigatória enquanto aguardavam uma nova oportunidade de estabelecer-se novamente no Ocidente,

“o mundo”, nas palavras daquele personagem. O narrador marca no texto essa espera através da recorrência da expressão “enquanto isso”. Enquanto isso, Ibrahim segue em busca de vistos de entrada em algum país afluente. Enquanto isso, Julie se torna amiga de Maryam, irmã de Ibrahim, a quem ensina inglês em troca de aulas de árabe. Enquanto isso, ela conquista a confiança da mãe de Ibrahim, aprende a preparar pratos da culinária local e jejua durante os meses do Ramadã. Enquanto isso, uma tradução do Alcorão lhe é enviada por sua mãe, que vive na Califórnia. Enquanto isso, Julie adquire o hábito de sair sozinha para fazer pequenos passeios pelo deserto, o qual é introduzido no romance nos termos seguintes:

Onde a rua terminava, lá estava o deserto. Guiada pelas crianças e descendo a fileira de casas iguais à da família de Ibrahim, com cômodos extras encravados na construção principal e paredes desgastadas, motivos pintados com tinta brilhante, plantas empoeiradas, bicicletas encostadas, carros parecendo explodir com seus canos de descarga quebrados, homens parados, mulheres nas janelas, roupas secando penduradas a uma cerca, mais crianças que correm e andam saltitantes, o falatório vindo de um rádio, o homem vendendo rissoles chamando a atenção de quem passa – esta vida diária de repente termina. Para ela era impressionante: parava, simplesmente. Ao final de uma rua deve haver outra rua. Um bairro leva a outro bairro. E uma estrada, uma rodovia que liga um local de habitação a outros. Havia o monte de entulho remexido, latas empurradas para o canto, lascas de vidro respondendo aos sinais emitidos pelo sol; e depois, nos termos pelos quais os homens julgam a importância de sua presença – nada. Areia. Nenhuma forma. Nenhum movimento. Quando ela voltou para a casa: Ainda não chegou o tempo do vento, ele lhe disse. Você não ia querer estar aqui pra ver, pode acreditar. (GORDIMER, 2001, p. 131)

O que se destaca na descrição acima é a fronteira rígida que o texto estabelece entre a cidade e o deserto, entre a vida e o nada, o movimento e a inércia. Essa forma de se relacionar com o espaço é desconhecida para alguém adaptado à cidade moderna e à facilidade de locomoção. No território que Julie está conhecendo, o deserto surge como uma interrupção. Tal irrupção do novo na experiência da personagem faz com que ela retorne constantemente àquele ponto em que a rua termina e o deserto começa, uma nítida referência à fronteira como metáfora ideal para a experiência contemporânea. Mais adiante, a narrativa explicita algumas conclusões de Julie:

O deserto. Sem estações para florir e para fenecer. Apenas o giro sem fim entre a noite e o dia. Fora do tempo: e ela está olhando – não do alto, puxada para seu interior, pois ele não possui medida de espaço, marcos que dão a distância entre aqui e lá. Numa capa de bruma não existe horizonte, a palidez da areia, com toques de rosa, uma luminosidade lilás com sua cor própria de luz embotada, não

possui demarcação entre terra e ar. A bruma do céu não se distingue da bruma da areia. Tudo deriva junto, e não há espectador; o deserto é eternidade.
O que poderia/iria lançá-lo de volta ao tempo? A água.
Uma era glacial – se uma delas estivesse por vir. A água é uma memória perdida: a memória uma prova movediça da existência do tempo. (GORDIMER, 2001, p. 172)

Os dois trechos recortados acima apontam para a mesma característica do deserto entrevista pela personagem do romance de Gordimer: seu estado de permanência em oposição às constantes mudanças ocorridas nos espaços ocupados de forma sistemática, como a cidade. Seria interessante, neste momento, trazer para a discussão o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca do espaço liso e do espaço estriado, numa abordagem que nos acautelaria contra o erro de aceitar de maneira absoluta o binarismo simplificador destacado por Julie. No entanto, diante da complexidade da elaboração dos conceitos de Deleuze e Guattari, seria mais prudente conceder-lhes uma posição mais central na reflexão, a qual, neste ensaio, está sendo ocupada por Michel Foucault.

Quando o conceito de espelho foi analisado acima, chamou-se a atenção para seu caráter duplo enquanto elemento real e irreal, bem como para sua presença mediadora no estabelecimento de relações entre o espectador e o espaço que este ocupa. Não pretendo afirmar que o deserto em *The pickup* equivale ao espelho em “Outros espaços”, pois a intenção aqui é refletir *com* Foucault e Gordimer, não *aplicar* – palavra infeliz – um ao outro. Até aqui, portanto, o ponto de encontro entre o espelho e o deserto é a posição de meio, nas várias acepções da palavra. Não são espaços habitados por quem se vê diante deles, mas vetores de forças que desviam, desfocam – ou refocalizam, talvez – o olhar sobre si e sobre o mundo do lado de cá do espelho. Para compreendermos que Julie se encontra num processo semelhante ao descrito por Foucault, tendo o deserto como seu espelho, necessitamos indagar sobre o que ela vê quando olha para o deserto. Na citação acima, a imagem criada é nebulosa, borrada, remetendo à indistinção, ou seja, à impossibilidade do olhar que olha e vê. Entretanto, a experiência da personagem não é constantemente solitária e informe. Podemos depreender isso ao lermos a descrição do “encontro” entre Julie e uma mulher beduína, ocupada em cuidar de seu pequeno rebanho de caprinos.

Ela se sentou ... e ficou olhando – se é que se pode dizer que os olhos estão olhando quando não têm um objeto fixo, nenhum horizonte para ser identificado. As areias estão imóveis. Ela tentou pensar que era como olhar pela janela de um

avião na direção do espaço, mas, mesmo assim, há sempre um fiapo de nuvem que aparece e cria uma referência. Passado algum tempo, havia um objeto – objetos – que rapidamente entraram em foco, marcas negras, pontos diante dos olhos? – e à medida que tomaram corpo tornaram-se uma mulher envolta em preto conduzindo um pequeno rebanho desorganizado de cabritos. Ela só se aproximou do campo de visão o suficiente para se distinguir um cajado que ela estava carregando, levando seus cabritos em outra direção. (GORDIMER, 2001, p. 167-168)

Os cabritos com a mulher beduína apareciam diante dela [Julie] como que por mágica. Ela andava o que parecia ser uma longa extensão na direção da mulher e de seus animais, mas a medida de distância neste elemento era inusual (...). Numa manhã, elas se descobriram próximas; perto o bastante para permitir um contato. A mulher era na verdade pouco mais que uma criança – talvez de doze anos de idade. Por alguns instantes o deserto se abriu, as duas se viram (...). O encontro sem palavra ou gesto tornou-se um tipo de cumprimento diário; reconhecimento. (GORDIMER, 2001, p. 199-200)

O termo-chave nas duas passagens citadas é, sem dúvida, “reconhecimento”, que, no original – “*recognition*” – possui idênticas acepções às que tem em português: reconhecer a quem já se conhece/reconhecer o valor de alguém. Se aceitarmos que o deserto funciona para Julie como o espelho de Foucault – “a partir desse olhar que... se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a *me constituir ali onde estou*” (Cf. p. 4 acima) – é forçoso reconhecer que a mulher beduína representa a imagem que Julie enxerga de si mesma ao se *espelhar* nas areias. Há uma carga de significações em circulação nesse encontro cuja catalogação se apresenta como uma tarefa extremamente desafiadora e que convocaria o instrumental não só dos estudos de categorias literárias, mas também antropológicas, sociológicas e psicanalíticas. O desafio se torna ainda maior devido ao fato de que o “efeito retroativo” de que fala Foucault em sua conceituação do espelho se dá no mais absoluto silêncio. O respeito com que a narração trata o fenômeno interno por que passa a personagem é comovedor. O leitor só recebe as mensagens provenientes da reconfiguração emocional sofrida por Julie à medida que esta se decide por desvelá-las. Não há uma transferência de contextos ou biografias entre Julie e a mulher beduína, o que não viria mesmo ao caso já que todos sabemos que a vida dos povos nômades que residem no deserto pode ser tão ativa quanto à dos que vivem em aglomerados urbanos, ainda que ambas se desenvolvam em temporalidades distintas. Além disso, o romance esclarece ao leitor que a Julie não ocorre a possibilidade de mergulhar na atemporalidade que enxerga naquele mundo de areia – “O deserto é sempre; ele não morre ele não muda, ele existe.

Mas um ser humano, ela, ela, não pode apenas existir; ela é um furacão, (...) nada vai deixá-la em paz, nem por um instante.” (GORDIMER, 2001, 229-230) – mas são essas areias ancestrais que a levarão a tomar a decisão que necessariamente encerra a narrativa.

Mais de um ano separava o retorno de Ibrahim a seu país e o momento em que ele informa a Julie que finalmente obtivera o visto de entrada nos Estados Unidos. Os preparativos para a viagem são feitos pelo casal. Dois dias antes da partida, Julie procura seu amante e diz: “Eu não vou” (GORDIMER, 2001, p. 248). A bela escrita de Nadine Gordimer permite ao leitor experimentar todo o turbilhão de emoções que essa frase introduz na relação entre os protagonistas, culminando com a permanência da jovem naquele país inicialmente estranho e até mesmo hostil. Em dado momento, Ibrahim pergunta: “De onde você tirou esta idéia, como, onde?”. Não pode haver resposta a esta pergunta. “E enquanto a angústia arrebata a ambos ela agora sabe onde. O deserto. Mas não pode dizer isto a ele” (GORDIMER, 2001, p.262).

Essa cena conclui um raciocínio que propõe uma leitura da relação estabelecida entre um personagem ficcional e o espaço do romance enquanto realização do processo de subjetificação esboçado por Michel Foucault através de sua conceituação do espelho. A hipótese que embasa o presente ensaio sugere um pequeno desvio da tese de Foucault no sentido de pensar o espaço mais como a vertente para uma experiência do que como o lugar desta experiência. De forma alguma esta proposta representa uma releitura de Foucault, pois seu conceito de heterotopia, do qual, talvez, dependa a noção de espelho, tem como princípio básico a subversão das funções e significações dos espaços comuns e, em última instância, da própria organização social (utopia). A diferença está apenas na inversão do foco, que, aqui, recai sobre o veículo intermediário do espelho.

Ao final de *The pickup*, Julie parece perceber que a mãe de Ibrahim era a única pessoa que sabia o que se sucedia em seu mundo interior. A senhora parecia saber “aonde as experiências a estavam levando” (GORDIMER, 2001, p. 231). A partir da noção de experiência do espaço, que espero ter sido razoavelmente desenhada neste ensaio, concluo essas reflexões trazendo os conceitos de Michel Foucault para junto das novas tecnologias interativas, meras utopias na ocasião da escrita de “Outros espaços”. Antes de se supor que isso contradiria toda a leitura da relação de Julie com as forças arcaicas do deserto, é preciso retornar a um dado que não pôde ser devidamente tratado aqui. Refiro-me à corrente de forças em ação sobre Ibrahim, arrastando-o para o Ocidente pós-industrial,

berço das grandes inovações técnicas atuais. Isso implica que aponto para experiências subjetivas, daí potencialmente antagônicas.

Chamo a atenção para a locução “à distância”, tão frequentemente empregada hoje em dia e que aponta para uma crescente prescindibilidade da presença corpórea na relação com o espaço. Ao apresentar suas formulações sobre a heterotopia, Foucault tinha em mente uma interação presencial com o espaço. Atualmente, os avanços tecno-científicos podem criar uma situação “que me permite me olhar lá onde estou ausente” (Cf. p. 4 acima). Isso causa dificuldades em quem tenta estabelecer, pensando com Foucault, uma divisão entre os espaços heterotópicos e seu contrário, já que o oposto de presença, fundamental na tese de Foucault, não é mais simplesmente a ausência. Podemos hoje estar onde não estamos, assim como não estarmos lá onde estamos. E os prefixos *multi-* e *tele-* se disseminam.

Por essa razão, creio que a multiplicação das formas de se experimentar a espacialidade trazida pela realidade virtual e pelas redes de satélites em funcionamento alterou um pouco a hierarquia dos conceitos apresentados por Foucault na Tunísia – no deserto – em 1967, conferindo ao espelho uma importância que talvez não pudesse ser compreendida naquela ocasião.

Conclusão

Reforçando a questão do atual caráter prescindível da presença física para se ter uma relação com a espacialidade, vai um pequeno relato recente ouvido num canal internacional de notícias. Contava a reportagem que membros de comunidades judaicas residentes fora de Israel vinham solicitando a amigos israelenses que se dirigissem até o Muro das Lamentações com seus telefones celulares para que os fiéis, ainda que falando de Buenos Aires ou Chicago, pudessem fazer suas preces “diretamente” ao local de peregrinação por via do satélite responsável pela conexão telefônica. Realmente, Foucault, hoje, teria que aceitar maneiras multimediadas de experiências heterotópicas.

Nadine Gordimer publicou *The pickup* poucos meses antes da destruição das Torres Gêmeas em Nova York, e seu livro pode ser lido como uma abordagem da dolorosa relação entre o Ocidente capitalista e o mundo islâmico. O ataque a Nova York foi vivido por todo o mundo, das mais diferentes maneiras. A maioria de nós assistimos às cenas

repetidas à exaustão pela TV. Outros vêm sofrendo as desastrosas conseqüências de maneira bem mais contundente.

Tudo isso parece justificar uma insistência em que a experiência do espelho, conforme entrevista por Foucault e vivenciada por Julie Summers, deveria ser realizada mais assiduamente, como a constituir uma utopia de convivência menos conturbada entre tempos e espaços não coincidentes. Falando mais filosoficamente, seria talvez o caso de nos olharmos no espelho com mais freqüência.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: 34, 1997. vol. 5. p. 179-214: O liso e o estriado.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Ditos & Escritos vol. III.

GORDIMER, Nadine. *The pickup*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2001.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.